



## A ESTÉTICA RELACIONAL COMO COMPONENTE DIDÁTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTE



<https://doi.org/10.56238/levv15n43-083>

Data de submissão: 22/11/2024

Data de publicação: 22/12/2024

**Ana Rita César Lustosa**

Mestra em Artes (UFES), Licenciada em Artes Visuais (UFES), Professora de Arte na Educação Básica de Ensino da Rede Estadual (SEDU) e PMS  
E-mail: lustosaanarita@gmail.com

**Rita Mychelly dos Santos Salles**

Mestra em Artes (UFES), Bacharel em Artes Plásticas (UFES), Graduanda em Artes Visuais (UFES), Professora de Arte na Educação Básica de Ensino da PMS. Ensino superior (FBC)  
E-mail: ritamychelly@yahoo.com.br

**Sérgio Rodrigues de Souza**

Pós-Doutor em Psicologia Social (UCPEJV - Cuba), Mestre em Educação (UNICID), Licenciado em Filosofia e Letras-Português (UNITER)  
E-mail: srgrodriguesdesouza@gmail.com

### RESUMO

Este artigo aborda a questão da estética relacional como componente didático na formação de professores de arte. Sua relevância está em trazer para uma discussão amplamente científica, uma questão didática que atravessa a contemporaneidade como uma forma de proporcionar conhecimento aos processos de construção intelectual na práxis docente, especificamente no campo da Arte. Sua relevância social está em trazer o público para uma aproximação ao mecanismo de expressão artística, pautado no aspecto estético, expressivo e imaginário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores clássicos sobre o tema, discutindo como se pode aliar a estética à formação de professores que atuam no ensino e na aprendizagem da Arte. A formação de um professor de arte se sustenta aos princípios descritos na base e diretrizes educacionais, mas existe algo a mais, que deva ser explorado, que é aprender a tecer relações complexas com a realidade intrínseca e extrínseca e ao mesmo tempo propor reflexões por meio de contatos diretos e relacionais com o objeto-alvo de estudo, pois as conjecturas em relação ao tema, são vazios, as quais não dão conta de explicar as situações de conflito que atravessa a existência humana e que a arte consegue capturar, mantendo a realidade escondida sob o véu da estética, que encanta e disfarça a rudeza, a tristeza e a angústia, permitindo ao observador criar laços afetivos a partir de experiências subjetivas do próprio indivíduo, por razões que ele mesmo desconhece.

**Palavras-chave:** Estética Relacional, Didática, Formação de professores de Arte, Ensino-aprendizagem de Arte.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se debruça a partir do entendimento de que por meio de uma formação sólida (inicial e continuada), fundamentada na experiência, os professores podem atingir de maneira mais abrangente, os seus objetivos didáticos. Nesse sentido, pode-se dizer que a estética relacional é um tema relevante como componente didático na formação de professores de arte. Para tal, a preparação dos processos de aprendizagem, exige que sejam feitas adaptações decorrentes da análise da práxis pedagógica, esta que se fundamenta na ação-reflexão-ação, ou seja, na experiência. A estética relacional, proposta por Nicolas Bourriaud, destaca a importância das interações sociais e das experiências coletivas na arte contemporânea. Essa abordagem pode enriquecer a formação de professores ao promover uma visão mais dinâmica e contextualizada do ensino de arte.

Seguindo esta linha de raciocínio, tem-se, como *leitmotiv*, a tentativa de elucidação do seguinte questionamento didático-pedagógico: ‘De que maneira, a estética-relacional pode contribuir para a formação continuada de professores de artes, tendo como objetivo principal o aperfeiçoamento de suas respectivas práxis pedagógicas?’

O que se objetiva, com este trabalho, é encontrar elementos que possibilitem a ligação direta do pensamento lógico às condições de produção de conhecimentos utilizando os espaços das aulas em conjunto com os estudantes, oferecendo a estes a oportunidade de aplicar o intelecto em direção à criatividade.

A formação de um professor de arte permite uma relação de troca de experiência e conhecimento das relações de ensino e aprendizagem, estimula caminhar por campos não explorados e a capacidade para enxergar aquilo que não está posto à vista, pelo simples fato de que para isto há que aprender a tecer relações complexas com a realidade intrínseca e extrínseca até que o mosaico de relações de troca e que, ao mesmo tempo, desafia outros olhares perceptivos em que provoca e desperta no pensamentos criativos para as abordagens metodológicas.

Quando se toma o termo estética-relacional de forma fragmentada, tem-se uma chance muito grande de incorrer no erro de pensar que são duas situações que acontecem de modo aleatório; no entanto, ela expressa uma condição didática unívoca, que conduz todo o conhecimento gerado pelo homem, através da experiência sensível a buscar uma relação com aquilo que ainda esteja por ser descoberto ou apresentado por intermédio das artes e suas nuances.

Nesse sentido, a interpretação deste estado singular de ser diante do estético é a relação do homem consigo mesmo, o que Borriaud (2009) descreve como a condição em que a obra suscita encontros casuais e fornece pontos de encontro, gerando, com tal relação, sua própria forma de temporalidade, onde “a função crítica e subversiva da arte contemporânea agora se cumpre na invenção de linhas de fuga individuais ou coletivas, nessas construções provisórias e nômades com que o artista modela e difunde situações perturbadoras” (Borriaud, 2009, p. 15).

A experiência é alguma coisa que se situa entre a curiosidade e a dúvida e, é exatamente por ser este detalhe tão profundo e, aparentemente, tão simples; ao lado e impossível de ser tocado que desperta para a necessidade de se tecer relações com o que se compreende, na tentativa de lançar luz em direção ao que, ainda, não está ao alcance da compreensão lógica. Quando isto acontece, a razão é voltar à experiência e buscar explicações a partir do objeto e suas reações às induções, porque o trabalho empírico desenvolve conhecimento, provocando situações de aprendizagem através da práxis e da observação-participante.

Bourriaud explora uma condição inovadora na avaliação estética, em que a arte é uma possibilidade de diálogos entre os indivíduos, indo além de uma explicação e de uma captura do momento político no qual esteja inserido. Isto faria com que a análise semiótica fosse interpretada para além do campo sociológico tradicional e pudesse permitir a compreensão das relações harmônicas e, paradoxalmente, conflituosas, ainda que estas se mantenham no campo da subjetividade e outras se exponham como parte da expressão que o século XXI fez [*quase que*] de forma imperativa. Isto é a mais completa aceitação da realidade objetiva, em que a técnica se revela nas relações entre as partes, para além da expressão objetual empírica.

A estética relacional pode transformar a formação de professores de arte, promovendo uma educação mais conectada com a realidade social e cultural. Nesse sentido, valorizar as relações, as vivências e as experiências coletivas, é possível formar educadores mais sensíveis e preparados para atuar em contextos diversos, estimulando a criatividade e a reflexão crítica em seus alunos.

## 2 SOBRE A ESTÉTICA RELACIONAL

Também conhecida como *Estética Relacional e Arte Participativa*, segundo Nicolas Bourriaud (2009), pode ser entendida como “o conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o grupo de relações humanas e seu contexto social, em vez de um espaço autônomo, institucionalizado e privativo” (BOURRIAUD, 2009, p. 05).

Desde muito tempo que o pensamento vem sendo confinado a salas fechadas e a um grupo circunscrito de indivíduos que impõem sua forma de ser e de pensar, de modo muito especial, em relação à arte, em que o primeiro alvo a ser abordado é a estética, ou seja, a ciência do belo. Isto porque mantendo-a ativa e como centro. Os criadores necessitam ser levados a produzir algo que encante por sua natureza estética, por sua beleza harmônica e, quando se lança a ideia de que tudo não passa de um conceito e esta proposta se assume como uma verdade aceita, qualquer coisa pode ser interpretada como expressão artística.

Nisto, a estética relacional cuida de equilibrar os processos, a interpretação, a compreensão e o sentido de ser do que é arte e suas expressões singulares e particulares. Esta condição trazida à discussão, por Bourriaud (2009), permite que os temas sejam discutidos, de maneira mais ampla pela

sociedade e se possa gerar novos conceitos sobre aquilo com que o homem se relaciona, ao longo de sua vida, e experimenta como mecanismo de construção e consolidação de seu conhecimento. Assim, conceitos antes tidos como abstratos e, tal referência compreendida como uma perspectiva pejorativa, que são tratados com deferência e acuidade, reconhecendo seus respectivos lugares nas discussões científicas e acadêmicas, permitindo uma análise mais profunda e direta.

A construção do sentido da estética, faz luz às diferentes interpretações que vêm a partir de instâncias políticas presentes nas expressões artísticas e culturais contemporâneas, enfatizando aspectos da crítica, da experiência estética e da inter-relação entre linguagens artísticas, mas por muito tempo, a estética instaura como sinônimo belo, e suas aplicações à vida como um todo, uma vez que o homem a persegue em todas as suas ações, de maneira mais ou menos consciente. Assim, está relacionada a tudo, na existência humana e, não fosse a ação educativa de destruir o sentimento de valor sobre o que se espera da vida, qualquer ação seria impensável caso não se balizasse nela, uma vez que já fundamenta todo ser e suas criações.

Neste ínterim, a estética se relaciona com o ato de existir, com o ser para fora, em que, de modo natural se tem a intenção de impressionar o outro que se situa diante e além de nós. Trata-se de um desejo inconsciente que irrompe na busca pelo sublime, capaz de atravessar a razão e ir de encontro ao que se anseia, gerando situações de intensa criatividade. A tentativa da estética relacional é extrair de tudo e de qualquer coisa, o que pode haver de mais profundo e que se mostre capaz de revelar a sua capacidade de encanto e de superação, ou seja, que possibilite ao ser humano que vá além daquilo que julga como belo.

Surgida por volta dos anos 1990, a Estética Relacional pode ser compreendida como sendo “aquela arte que toma como horizonte a esfera das interações humanas e seu contexto social - mais do que a afirmação de um espaço simbólico, autônomo e privado” (BOURRIAUD, 1998, p. 07).

O corpo, a ideia do artista, bem como o lugar, o contexto histórico e político, a condição emocional de um determinado grupo compõe a Estética Relacional e faz com que o expectador associe-se ao artista, ou mesmo tome o lugar, participando, colaborando e co-criando a obra. Compreendendo arte como uma produção de relações que usa de gestuais, formas materiais e imateriais, objetos, ideias, sons e signos.

No trabalho docente é possível aliar o processo de desenvolvimento de ensino da arte contemporânea às expectativas de desenvolvimento psicoemocional dos estudantes, tais como, superação do medo e da timidez de, por exemplo, fazer uma exposição de suas ideias. Esses estudantes enfrentam uma série de dificuldades, depois de um afastamento da sala de aula. A arte é forte aliada, contribuindo para a recomposição destes indivíduos ao retorno da vida crítica, autônoma, visto que a partir da leitura de mundo que a arte pode oferecer, os alunos podem aprimorar a capacidade de expressão lógico-verbal e poética no ambiente escolar e na vida pública.

O que se apresenta, aqui, é a possibilidade para que a vida possa ser expressa, em toda a sua amplitude e magnetismo, em que a existência precede a essência e, a partir da problemática sobre o ser e o poder ser chegar a ser compreendida em sua totalidade, tem-se condições de planejar as atividades didático-pedagógicas no campo da arte, visando à construção de pensamentos que tratem das relações intrínsecas do ser humano com seu mundo interior, tentando, transformar o mundo exterior em algo belo, harmônico, de tal maneira que esta beleza criada a partir de sua visão e de sua paixão lhe permita alcançar experiências poéticas e estéticas.

Este é um sentimento que acompanha o ser humano desde sempre em sua jornada; mas que, a partir da arte contemporânea e seus desdobramentos políticos, isto tem se ampliado a tal nível que se faz necessário um elemento que possa interpretar toda esta transformação. Bourriaud (2009, p. 08) argumenta que, “a arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações”.

De fato, a arte contemporânea provoca estranhamento e curiosidade nos alunos, mais destacadamente naqueles que se dedicam à arte como uma estética representativa do belo em sua expressão clássica, em que o artista era o único responsável pela performance e sua expressividade a única coisa a ser admirada em sua obra. Quando este mesmo indivíduo se vê diante de uma situação em que necessita compartilhar, não apenas o seu conhecimento, mas a sua criatividade com outros e, para tornar mais complexa a situação, agrega a potencialidade criativa de terceiros ao seu campo de criação empírico.

Não se trata de produzir arte a partir do outro; mas, inserir este no conceito de produção, relacionando a sua condição à existência criativa do artista, o que gera o questionamento: que tipo de arte se espera que surja deste relacionamento surrealístico?

Esta é a pergunta que a Estética Relacional não se propõe a responder, pelo simples fato a que a explicação se fundamenta na experiência, não na caracterização epistemológica, como se pretendeu em muitas ocasiões. Tampouco, se trata de fundamentar-se em um discurso pós-modernista, a fim de tentar explicar aquilo que depende de existência tangível para que possa ser explicado; ou seja, a interpretação da expressão artística a partir da Arte Relacional rompe com o pensamento cartesiano criado pelo senso comum de que, para existir, basta pensar, indo na contramão de tal proselitismo intelectual e afirmando que a experiência é quem determina a possibilidade de compreensão teórica do objeto de estudo.

A partir do exposto, tem-se que o processo de ensino e aprendizagem educacional de arte requer um planejamento aberto, ajustes, aprimoramento e de adequação todo o tempo. Sempre é oportuno esclarecer que a ciência reduz os objetos sobre os quais aplica sua técnica de exploração e, a arte é uma expressão catártica do ego. A este estado caótico de equilíbrio [*quase*] incompreensível ao primeiro olhar, os gregos deram o nome de Estética e, no século XXI, com o rompimento de determinadas

barreiras canônicas quanto à expressão artística, Nicolas Borriaud (2009) propõe que se denomine a este estado de fenômenos presentes, no campo das artes, de Estética Relacional. Assim,

A possibilidade de uma arte *relacional* (uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e *privado*) atesta uma inversão radical dos objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna. Em termos sociológicos gerais, essa evolução deriva, sobretudo, do nascimento de uma cultura urbana mundial e da aplicação desse modelo citadino a praticamente todos os fenômenos culturais (Id., p. 7).

Ao tomar a ideia do autor como uma forma de compreensão da arte, o que se tem é a construção de uma nova forma de se produzir arte, em que a Estética Relacional cuidaria de apresentar-se, e mesmo de ser reconhecida, como uma forma de vínculo entre os envolvidos na ação de produção e de desenvolvimento de técnicas artísticas para além do que se tem disponível. O conceito posto deve ir além da mera expressão artística, em que se têm espaços abertos para críticas desfavoráveis ao que se considera como tal.

O pensamento artístico é de caráter peculiar e, por mais que se queira dizer que arte é tudo o que é produzido, de maneira criativa, pelo homem, a própria arte possui sua expressão filosófica, sociológica, fenomenológica, portanto, é determinada por psicologia própria em que a análise semiótica pode representar a interpretação que o objeto deseja para si e sobre si; não, necessariamente, sendo uma expressão autônoma do intérprete e, o que isto tem a ver com a Arte e a Estética Relacional, é que ambas se imbricam no espaço da relação do ego individual em conflito com o ego social.

### **3 A ESTÉTICA RELACIONAL APLICADA À FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTE**

Este campo de relações simbólicas sempre representou uma inquietação filosófica, porque o professor de Arte possui toda uma gama de oportunidades, que pode explorar, não como alguém que ensina, mas como alguém que vivencia com seus estudantes e assim, exerce uma relação dialética, discricionariamente simultânea, entre o ato de ensinar e o ato de aprender, dado o universo subjetivo da Arte e suas nuances, possibilidades e técnicas. No entanto, falta um elemento que possibilite esta vinculação do arte-educador com seu objeto-alvo e é assim que se propõe a Estética Relacional como eixo didático para suporte na formação de professores de Arte, a fim de que possam melhorar suas respectivas técnicas profissionais docentes.

António Nóvoa explana que “o professorado constituiu-se em profissão graças à intervenção e ao enquadramento do Estado, que substituiu a Igreja como entidade de tutela do ensino. Esta mudança complexa no controle da ação docente, adquiriu contornos muito específicos” (NÓVOA, *s.d.*, p. 02), especialmente no que refere-se à sua formação docente, em que necessita estar vinculado aos processos de ensino e de aprendizagem, buscando formas inovadoras, tanto de ensinar quanto de aprender, o que

representa um desafio paradoxal, porque vê-se na iminência de sair de seu espaço como detentor do saber para posicionar-se como um indivíduo que anseia pelo saber.

A formação continuada de professores se fundamenta na transposição didática, não na construção de um conhecimento novo sobre a técnica em si e, este tem sido o grande problema da ação, dado que aqueles que vão aplicar a didática necessita expressar que o caminho é a criação de uma metodologia que simplifique a técnica artística e explore o experienciar. No caso da arte, especificamente, isto é um desafio, uma vez que as escolas, em geral, não possuem laboratórios e oficinas de desenvolvimento artístico, o que torna as aulas em repetição e/ou orientação teórica sobre como criar algo que deveria ser realizado de forma crítica, expressiva e/ou empiricamente. Diante disso, o arte-educador necessita conhecer a estrutura física da escola, explorar área e locais não costumeiramente utilizados para as aulas de Arte, como as áreas externas, quadras e refeitório.

Relacionar arte e desenvolvimento humano sem ter como produzir a experiência é um desafio fadado ao mais iminente fracasso, porque ela é um produto direto da relação simbólico-simbiótica entre o objeto de estudo e o artista, situação que não pode ser reproduzida de modo especulativo ou imagético; necessita ser vivenciado, experimentado e, antes de ser colocado fora do escopo do laboratório, ser reproduzido, o que produz a capacidade para o entendimento prévio da ação mediada pelo coletivo.

Assim, não se está falando em formação continuada de professores de arte antes, em produção de experiências artísticas mediadas pela Estética Relacional e suas vertentes de aplicação conceitual, experimental - empírica, o que a transforma em um instrumento de transposição didática eficiente, podendo tornar-se eficaz, com respostas plausíveis aos questionamentos realizados pela sociedade.

Com relação à formação do professor de Arte, isto assume um caráter mais complexo, porque,

A arte que pensamos hoje não deve ser olhada pelo seu significado, mas sim pelo seu uso. As obras relacionais pretendem ser mais do que sua mera presença no espaço; elas solicitam o diálogo, elas requerem uma forma de negociação inter-humana, realizando-se no aqui e agora (Albuquerque, 2015, p. 696).

Transpondo a fala deste autor para a sala de aula, onde a práxis acontece, torna-se mais profundo o questionamento da formação deste professor, porque pretende dialogar com diferentes idades que traduzem-se em diferentes *performances* de pensamentos expressos. No entanto, como cada pensamento se apresenta e se comporta em cada ambiente, ao se considerar que a personalidade humana é e sempre será uma incógnita a qual não se pode prever seus atos? Quando manifesta, a que está fazendo relação? Que tipo de vínculo se destaca e que indivíduo está sendo exposto durante a *performance artística*? A identidade manifesta é um mistério que não pode ser solucionado pela simples determinação sobre o que é e o que não é, porque assim aparenta ser.

Um dos pontos mais relevantes e intrigantes que a estética relacional aponta é no sentido de criar mecanismos que permitam interpretar o ser humano a partir de seu comportamento dentro da arte e através dela. Isto pode parecer estranho, mas aquilo que se busca em uma obra de arte está para além da estética visual; o desejo latente é o de encontrar ali o *pathos* que motivou o artista a produzir aquela sua arte, não importando a sua natureza.

Tomando este ponto de inflexão como um lugar docente, como permitir que a criatividade se expresse, rompendo os paradigmas que foram sendo criados em torno e sobre a arte, ao longo dos tempos? Não se trata de ser criativo; é algo mais, é mostrar-se capaz de compreender o processo criativo desde a intuição, o pensamento imaginário até a sua expressão no real, em que pode ser submetida aos princípios de validação e de refutação. Daí que a solução mais intrínseca para o problema da criatividade é buscar na Estética Relacional o suporte epistemológico e empírico para se trabalhar a formação continuada de professores de Arte, considerando que “a estética relacional se estrutura em construir experiências que se traduzam em acontecimentos” (Albuquerque, 2015, p. 698).

Para que isto se transforme em realidade manifesta, a condição de criatividade e, em especial, os objetos criados devem ser submetidos a avaliações em diversas áreas do pensamento científico, a fim de que se possa determinar o seu grau de “pragmaticidade” nos campos sobre os quais se pretenda submetê-los. Neste processo se torna capaz de mensurar a dimensão da relação da capacidade criativa com a necessidade social onde o indivíduo esteja inserido e a aplicabilidade das produções, o quanto elas estão em sintonia com os problemas enfrentados e os desafios postos.

Uma experiência apenas se transforma em conhecimento se analisada de forma experienciada e atravessada pela situação; para isto, há que dispor de instrumentos e de conhecimentos em diversos campos, fora de sua esfera de formação e de atuação; de outra forma, que não esta, pode tornar-se nada mais que uma ocorrência trivial e que termine sem qualquer significado útil, ou seja, não acrescenta nada ao pensamento poético, crítico, social e individual. Perguntar como as coisas e os fenômenos se relacionam é uma questão pueril, não porque não faça sentido; mas, pelo fato de como levantar a questão. O correto é questionar porque se relacionam, o que os incitam a criar laços e mesmo a mantê-los, quando aparentemente não demonstram qualquer tipo de vínculo entre si?

Pode-se dizer que a primeira resposta a tal indagação é a de que supostamente a construção estética é motivada por sentimentos comuns, entre eles interpretação de instâncias harmônicas. Essa relação serve como elemento que correlaciona os pontos de inflexão que determinam a existência individual e coletiva. Isto jamais pode ser considerado e interpretado a partir do acaso, considerando que a compreensão das ações voluntárias e involuntárias, dentro de qualquer contexto, estão submetidas a interesses particulares e coletivos, ainda que o objetivo seja direcionado a um foco.

Transformar experiência em acontecimento, presume que esta situação não seja apenas uma realização teórica, mas que toda a vivência que se infere seja capaz de ser transmitida a outros, em



relação ao ambiente pedagógico, sendo por meio de formação continuada, oficinas, palestras, *workshops*, novas situações experimentais que se traduzam na forma de desenvolvimento de habilidades técnicas, pedagógicas e didáticas. A partir daí, tem-se uma busca pelo conhecimento, que se trata do domínio em saber aplicar o que se sabe sobre determinado assunto e a capacidade de ensinar a outros e avaliar as situações em que este fenômeno acontece. Esta é uma perspectiva de formação de professores de Arte, em que se possa pensar a ação positivista de ensinar uma disciplina curricular que permita a vivência e contribua para a transformação do ser, a partir de suas experiências estéticas, compreendendo ainda que,

[...] arte visa conferir forma e peso aos mais invisíveis processos. Quando partes inteiras de nossas vidas caem na abstração devido a mudanças de escala da globalização, quando funções básicas do nosso cotidiano são gradualmente transformadas em produtos de consumo (incluídas as relações humanas, que se tornam um verdadeiro interesse da indústria), parece muito lógico que artistas procurem remasterizar essas funções e esses processos, e devolver concretude ao que se furta à nossa vista (Bourriaud, 2009b, p. 32).

A esta questão problematizadora advém outra, que é mais problemática, a saber, como transformar a atividade didática em situação de aprendizagem empírica, criando um vínculo harmônico entre o que se pretende com a arte e o que é possível com sua aplicação à realidade tanto objetiva quanto subjetiva, porque até agora este tem sido o grande dilema da educação, em que se busca separar o mundo intrínseco do extrínseco, tratando ambos como formas dicotomizadas por causa de entendimentos difusos acerca da existência humana e seus processos de expressão cognitivos. O artista problematiza o seu tempo, as coisas nele presentes e as relações conceituais que vão se desdobrando em fatos, sendo interpretados como fenômenos, às vezes, compreendidos; às vezes, não compreendidos e nos intervalos entre uns e outros vai se desenvolvendo a questão epistemológica humana.

Propor uma didática em formação de professores que a aproximação da experiência individual contribuir para uma experiência coletiva, é desafiador para formação, que se mantém à distância da subjetividade do objeto-alvo. É necessário trabalhar o tema, propondo que cada participante tenha a oportunidade de transformar a sua experiência individual com a arte em algo coletivo através do mesmo objeto. Esta percepção é uma construção abstrata que vai resultar em uma percepção de igual forma é a hipótese de transformação do *pathos* individual em *pathos* coletivo.

Neste aspecto, faça-se esclarecido que o público da educação é muito específico e característico, marcado por suas vivências atravessadas pelos conflitos cotidianos que os colocam já na condição de uma leitura singular e particular de mundo, fazendo com que entendam a disciplina de Arte como algo que pode trazer leveza ou que pode não fazer-lhes o menor sentido real. É neste espaço que se insere o protagonismo do aluno para trazer à tona o que de melhor possuem e entendam que a arte faz tanto parte da grade curricular estudantil, quanto da existência fora dos muros da escola. Neste sentido, Alvares informa que:

Em sala de aula, as aproximações e a familiarização com as linguagens artísticas realizadas através do fazer, do fruir e do refletir podem gerar férteis problematizações. Aprendizagens que levam à descoberta de novas e diferentes relações entre as coisas e que iluminam novos espaços vivenciais, que vão sendo ocupados pelo aluno, à medida que cresce sua compreensão. Pedagogicamente, é preciso considerar que os estímulos que não habitam ou não ressoam na subjetividade do adulto, não existem, passam despercebidos. As experiências artísticas levam-no a transcender a concretude do cotidiano, desenvolvendo sua sensibilidade, ampliando seu olhar e expandindo seu universo estético (Alvares, 2006, p. 71).

Antes de desenvolver qualquer tipo de pensamento e posterior ação em direção a este problema, a destacar, o despertar da criatividade deve ser suscitado a partir de problematizações e, eis uma questão complexa a ser posta em evidência, como problematizar algo se a maioria dos profissionais não se envolve em estudos profundos e dinâmicos sobre as relações da aprendizagem com as possibilidades de análise de questões situacionais? Há necessidade de metodologias e uma sequência didática bem elaboradas e discutidas, e que chegue a um entendimento sobre elas e seu impacto sobre a aprendizagem individual e coletiva, e como isto se refletirá na sociedade.

O autor fala em experiências artísticas; porém, o interessante é abordar do ponto de vista da experiência estética, porque isto presume a ação, a interação e a relação entre o ser e o desejar ser; como tudo aquilo envolve o indivíduo levando-o a compreender o mundo através de uma análise profunda, horizontal, longitudinal e, por vezes, transversalizada. Nem tudo o que parece subjetivo pode assim ser interpretado e as respostas alcançadas podem ser deixadas como tal, porque de tal maneira ter-se-ia um mundo representado de acordo com a imaginação de cada um, mas buscando atender potencialidades às necessidades da maioria, conforme seja suas condições psicológicas, éticas e estéticas.

A aprendizagem é uma condição de aquisição de conhecimentos e de transformação dos mesmos em bem-estar cognitivo individual e coletivo, podendo ser aplicado em várias áreas sociais qual seja o seu potencial para intervenção e, a Arte, em especial possui uma dimensão que atravessa fronteiras muito sensíveis, como a liberdade para expressar em todos os campos e sentidos, manifestação fenomenológica do pensamento expresso na Arte, por diversos formatos e representações.

O estudo profundo e dinâmico da relação das Artes com os fenômenos que seguiram às suas representações e expressões esclarece o potencial de sensibilidade analítica a que o artista é acometido, desde o seu isolamento, distante que se encontra da confusão e da efusão política que domina a vida e a existência humana, de forma geral. É da compreensão sobre como estes elementos combinados induzem ao conhecimento e à apreensão dos fatos que se torna possível relacionar a arte e a estética, como fomentadoras de processos crítico do conhecimento. Assim que o campo de possibilidades se descortina para o ensino de Arte, cabendo ao professor estar preparado para atuar sobre os espaços de diálogos que se formam “diante da emergência de novas formas de pensar e de se relacionar com o

outro e com o mundo, as formas relacionais apontam caminhos fecundos não apenas à arte contemporânea, mas à educação estética” (BERTOLLETTI, 2011, p. 21).

O problema que é posto aí é que a estética não pode ser disciplinada, muito menos pode ser ensinada, desde o modelo didático cartesiano-positivista; logo, não pode ser aprendida de maneira a que se torne uma condição a ser acionada por comandos com resultados ou que defina o objeto-alvo de admiração e, conseqüentemente, julgamento.

A estética presume ação, reflexão, análise, interpretação do objeto e de todo o contexto que a envolve até juízo de valor, que muitas vezes chega a definir a excelência do mesmo, como se isto, por si só, fosse capaz de defini-lo. Uma construção estética, de fato, é produto da sociedade, do quanto esta se mostra capaz de ser exigente com a sua cultura e sua arte.

O desenvolvimento da apreciação estética não é um resultado da educação escolar formal, definida através de procedimentos curriculares, porque essa absorção perpassa pelo conhecimento do que o proporciona no pensamento e na construção psicológica de cada indivíduo. Este se torna um ponto crucial na aplicação da Estética Relacional na formação de professores, em que não se trata de um simples conceito ou de um esclarecimento sobre um mecanismo de atuação na produção de arte, qualquer que seja ou o que se preconize assim classificar. Torna-se um processo complexo e profundo, em que se pensa a ação e depois, se reflete sobre aquilo que foi gerado, mensurando seu impacto direto e indireto sobre os envolvidos. Os procedimentos didáticos de aprendizagem necessitam de comprometimento. E presume uma constante construção e aprimoramento da experiência do olhar para encontrar uma proposta que represente o mundo interior que o artista deseja espelhar ao mundo externo.

Neste ínterim, a condição de aprender arte na escola pública regular, orientada em sua aprendizagem a partir de um currículo fechado sobre si mesmo, tornou-se uma aventura, ou seja, o leva a estar sempre com medo de expor o seu conhecimento e suas habilidades artísticas. Os alunos, geralmente não são vistos como tendo o mesmo potencial para aprender artes, visto que a escola pública atende estudantes com suas particularidades seja cognitivas, intelectuais e ou financeiras. Assim, o currículo é ajustado para atendê-los, nunca em suas especificidades e conhecimentos prévios. Logo, o que se busca com a Estética relacional é apresentar mecanismos de relação onde as figuras de relações humanas tornem-se mais flexíveis, possibilitando a expressão do sensível e a inclusão, considerando que:

Além do caráter relacional intrínseco da obra de arte, as figuras de referência da esfera das relações humanas agora se tornaram formas integralmente artísticas: assim, as reuniões, os encontros, as manifestações, os diferentes tipos de colaboração entre as pessoas, os jogos, as festas, os locais de convívio, em suma, todos os modos de contato e de invenção de relações representam hoje objetos estéticos passíveis de análise enquanto tais (Bourriaud, 2009, p. 40).

Este tipo de análise é um risco a se correr, porque precisaria dar sentido aos momentos de interação, muitas das vezes, em que a estética de tais situações está em não representar nada, em ser um encontro em que a proposta é se deslindarem da existência que os consomem; porque, mais tarde quando voltarem a lembrar daqueles instantes, em particular, estarão plenos de serenidade por causa da representatividade do vazio ou esvaziamento. Logo, procurar qualquer sentimento estético ou mesmo impor-lhes somente para que possam ser discutidos como tal é forçar o nada a oferecer ou motivos para que se seja feliz.

Quando se põe a questão estética, tem-se claro que o interesse está na apreciação empírica do belo, daquilo que há de mais profundo no sentimento compartilhado através da arte subjetiva e abstrata e, ao se propor transformar os momentos de relação em instantes marcados pela estética relacional, está-se pondo em risco e não em condições de transformar a capacidade didática de aprendizagem através de situações-problema e experiências em construções reais de desenvolvimento de pensamento crítico. A formação de uma identidade cognitiva que induza à intelectualidade deve ser produto de trabalhos realizados, especificamente, com este e para este fim, porque demanda estudos previamente elaborados e fundamentados em autores e pesquisas que, de fato, proporcionaram alguma contribuição ao avanço do pensamento científico na área de interesse.

Os gregos tomaram a estética como algo objetividade, porque eles acreditavam que tudo aquilo que é belo é, diretamente, bom. Tudo que era bom estava associado ao belo; logo, a estética estaria associada à compreensão do que há de excelente no humano. No entanto, Bourreau busca trazer a reunião pedagógica para um ambiente de interpretação existencial transformando em uma didática, sendo que o primeiro passo seria o de explicar-lhes de que forma esta ação pode representar um sentido pragmático em suas construções intelectuais e cognitivas e, em suas respectivas práxis no campo da aprendizagem e do ensino de arte.

Ainda segundo, Bertolletti (2011):

O ensino de arte calcado na estética relacional propiciará, a partir de situações reais descontinuidades onde a ordem simbólica poderá ser refletida, transfigurada, culminando em modos diferenciados de viver, relacionar-se com, enfim, habitar melhor este mundo. Inserir a estética relacional na prática do ensino de arte na educação formal ativará, desta forma, o encontro de experiências de vida aparentemente distintas ou distantes, onde o dispositivo relacional possibilitará efetivamente a inter-relação de saberes (Bertolletti, 2011, p. 26).

Toda inter-relação epistemológica necessita antes ser construída, ainda que seja no mundo particular do indivíduo. E a questão do pragmatismo é algo que atravessa toda e qualquer condição relacional, considerando que ninguém toma para si aquilo que não entenda como capaz de agregar-lhe determinado grau de valor ou de sentimentos. Isto, talvez se mostre como algo bastante complexo de ser compreendido à primeira vista, porque na formação positivista e descartiana, tão corriqueiras na

educação contemporânea, tudo é linear e induzido pelo seu grau de necessidade do homem em superar a si mesmo.

Querer que uma inter-relação de pensamentos seja construída a partir do conhecimento que se possui é algo de extrema singeleza, porque não basta somente o desejo subjetivo, o que, por si só, já constitui um avanço muito importante; mas, há a necessidade de compreensão de uma série de elementos, alguns tangíveis e um terceiro grupo que somente se alcança através da experiência e da interpretação desta, realizada em meio a uma troca simbólica e significativa de juízos sobre a sua representação e o seu significado.

Quando se refere à formação de professores de arte, a estética é um componente balizador, porque parte do princípio de que sem um elemento sobre o qual se possa delimitar todo o trabalho a ser desenhado, não há como elaborar a construção de uma ideia e, muito menos de uma estratégia de aprendizagem. É a partir de um ponto que permite a construção de um esquema didático que se tem oportunidades de ir além, realizando análises sintéticas de tal envergadura que demonstrem a profundidade a que se pode ir para tornar o processo formativo mais potente e dinâmico, fornecendo detalhes idôneos.

Aqui se procura esclarecer que, a formação docente tem como objetivo, ampliar o conhecimento técnico, relacionando o objeto-alvo de investigação a um nexos causal com a realidade na qual esteja inserido, e isto não pode ser alcançado sem um conjunto de vivências e experiências que estejam já à disposição do estudante e de mostrar-lhe como as situações se evidenciam no tempo e no espaço, sofrendo interferências de vários elementos, tangíveis e intangíveis. A este respeito, Sousa evidencia que, não se pode confundir uma formação científica, didática, pautada na experiência, com

[...] formulações teóricas sobre como se deve ensinar, desvinculadas da prática; [*há que aprender a*] conviver com a opinião daqueles que desvalorizam o trabalho artístico em relação a outros tipos de trabalho por considerar uma atividade livre e criativa; dificuldade dos alunos de admitirem críticas a seus trabalhos ao achar que estas lhes tiram a espontaneidade; o mito do artista como ser inspirado, incapaz de adequar sua natureza criativa ao trabalho sistematizado e institucional etc (SOUSA, 2018, p. 36).

O autor esclarece que a didática do ensino da arte deve ser planejada a partir da psicologia do objeto, valorizando o que de mais profundo tenham a oferecer para a discussão em sala de aula, a destacar a experiência estética e como ela impacta o pensamento do aluno, no momento em que se viu diante dela e, a uma distância tal que lhe permita analisá-la e aos seus impactos sobre a aprendizagem.

Assim, a apreensão da estética relacional como um componente que se relaciona diretamente com a vida e com a existência, através de um tipo de arte que intenciona provocar uma emancipação do indivíduo por si só, não poderia mostrar-se como um elemento que transforma, exatamente porque antecipa o reconhecimento público e já se exalta a este, como forma de produzir valor, quando deveria julgá-lo à medida que expõe a natureza e seus contrastes fenomenológicos.

À medida que o ser humano vai tomando consciência de que tais situações fenomenológicas lhe ocorrem sem que ele tenha conhecimento do que as provoca, percebe que existe uma relação com o objeto-alvo de sua análise que se situa para além de sua compreensão comum, cabendo-lhe aprofundar nos estudos, na análise e na interpretação dos elementos estéticos que o compõem. Isto não quer dizer que conseguirá atingir o nível de conhecimento necessário para compreender a relação existente; apenas que está mais próximo de entender o porquê se sente atraído por uma obra de arte, não somente por sua categoria ou movimento expresso.

Nicolas Bourriaud (2009, p. 13) apresenta a *performance* artística atual sob a interpretação de que “hoje, a prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado a uniformização dos comportamentos.” Se, com isto, se está pensando que a arte antes da contemporaneidade estética era algo que determinava a psicologia dos objetos, isto é não entender o seu papel subjetivo. O relacionamento real do ser humano com a arte se dá no nível da inconsciência. A este tipo de vínculo sublime, pode se dar o nome de estética relacional, aquela que não pode ser explicada pela razão pura e simples, estando sempre a deixar um questionamento.

Esta expressão do pensamento revela que a estética se relaciona com a dimensão existencial além de si. É neste sentido que a arte provoca transformações que não podem ser compreendidas no âmbito da congruência psicológica. É a partir deste estado de ser que Ana Mae Barbosa explana que a arte deve assumir-se como uma expressão real do ser e, neste princípio,

[...] a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 1998, p. 16).

O que a autora apresenta como proposta, é a condição de envolvimento do docente com a realidade discente, em que se elabora um vínculo de entendimento relacional a partir da análise conjunta de um contexto, em busca de um sentido. Automaticamente, se ocorre qualquer tipo de inovação a partir do ambiente e dos elementos nele contidos, tem-se aí uma mudança em sua estrutura; todos os personagens envolvidos passarão a ter uma visão diferenciada do que se presencia e das possibilidades de transformação.

No processo de formação de professores, o principal objetivo é apresentar-lhes condições para que reflitam sobre suas próprias práxis e como elas podem conduzir os estudantes à aprendizagem eficaz, aprendendo de modo eficiente. Trata-se de pensar aquilo que se faz na figura de quem recebe, o que se ensina, na figura de quem aprende. Na arte, em especial, isto é muito mais complexo e profundo, porque se deve tentar aprender a pensar em que dimensão os fatores exógenos combinados aos fatores endógenos se revelam capazes de interpretar os fenômenos naturais e sociais e como o

artista irá reproduzi-los, transmitindo uma mensagem aos seus espectadores. Assim que, pode-se compreender a formação de professores de Arte, por meio da Estética Relacional como sendo:

A produção do conhecimento através da percepção da realidade vivida, sentida e observada. Um conhecimento que torne o ser humano mais rico intelectual, cultural, social, histórico e artisticamente, com consciência política e filosófica, com disposição para a prática individual e social. Um conhecimento que torne o ser cada vez mais reflexivo, humano e, por sua vez, que colabore na transformação da sociedade em que vive. Um sujeito rico de necessidades e que se empenha em construir seu capital cultural (Müller e Silva, 2019, pp. 38-9).

Na concepção destas autoras, a Estética relacional tem condições de propiciar um diálogo entre a prática social e individual, o que faz com que:

A consciência de que existe uma correlação de forças na esfera cultural é de suma importância para que o trabalho docente não seja um fazer pedagógico ingênuo e descontextualizado dos processos hegemônicos e contra hegemônicos que envolvem a cultura. [...] Ponderando que a estruturação das bases metodológicas da prática docente no que se refere à abordagem sobre os estudos da cultura em sala de aula, em acordo com nossos pressupostos, ela deva ser sensível à cultura que permeia a vida dos estudantes, atentando-se para os pressupostos que envolvem o conceito de cultura como identidade (CARNEVSKIS, 2014, p. 52).

A autora chama a atenção para esta construção de um pensamento dialético entre as bases metodológicas em que o docente analisa e interpreta a realidade artística estudantil a partir da exposição de suas experiências pessoais. Essa perspectiva pode ser extremamente relevante na educação e na formação de professores, trazendo várias considerações sobre sua aplicabilidade: promover o diálogo entre educadores e alunos para enriquecer os laços e o processo educativo; utilizar ferramentas pedagógicas que possam ajudar o aluno a se conectar de maneira mais profunda com o conteúdo e uns com os outros; desenvolver competências sociais e emocionais, pois são essenciais para a formação integral dos alunos para tornarem mais empáticos e colaborativos. A formação de professores deve incluir a reflexão sobre suas próprias práticas e sobre como suas relações com os alunos impactam a aprendizagem, levando em consideração as adaptações do currículo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta por Nicolas Bourriaud, enfoca nas interações e relações entre pessoas, ambientes e obras de arte. A experiência estética surge do compartilhamento e do diálogo as relações entre os indivíduos, preocupando-se como o espaço afeta no contexto social e cultural em que a arte é apresentada e influenciada, diretamente ou indiretamente sua recepção, pois o espectador se torna um participante ativo na experiência artística, contribuindo para a construção de significados e saberes. Podendo levar um engajamento mais profundo, a partir de levantamentos questionadores relacionados aos temas sociais e políticas, promovendo reflexões sobre a sociedade contemporânea. Essa interação artística pode servir como um meio de crítica e transformação social, permitindo experiências coletivas, enfatizando a importância da convivência e da troca entre os indivíduos.



Esses aspectos mostram como a estética relacional expande a compreensão do que é a arte, desafiando as noções tradicionais e promovendo um olhar mais integrado sobre a experiência artística. Através dessas interações, a arte pode se tornar uma ferramenta poderosa para a construção de novas narrativas no ensino e aprendizagem da arte.

A arte consegue capturar, de maneira silenciosa e que expressa da mesma forma, mantendo a realidade da vida escondida sob o véu da estética, uma beleza que encanta que disfarça a rudeza, a tristeza e a angústia, permitindo ao observador criar laços afetivos a partir de suas experiências subjetivas. Neste sentido, fica claro que o ser humano se relaciona com a arte como se o diálogo acontecesse em instâncias que estão completamente fora do pensamento consciente; logo, este processo dialético se dá em nível inconsciente.

Assim, compreende-se que a relação da estética não está com o espectador, aquele que admira, com profundo espanto, o que o artista condensa em uma única peça e, é a partir deste estado de confusão e ausência de entendimento sobre o que vê e aquilo que lhe desperta para o além do que não enxerga que se aproxima de compreender a dimensão estética, não da arte em si e por si só, mas percebe uma distância que não pode ser vencida.

Em síntese, a Estética Relacional oferece uma nova perspectiva para a educação, enfatizando a importância das relações e da interação por meio das vivências promovidas pelo professor. Ao integrar esses princípios na formação de professores e nas práticas educacionais, é possível criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, inclusivo e significativo.





## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Nycolas. Estética relacional e as marcas na superfície: corpo-afeto-cidades-arte-política. In: DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.
- ALVARES, Sonia Carbonell. Arte e educação estética para jovens e adultos: as transformações no olhar do aluno. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo (USP): Faculdade de Educação, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BERTOLETTI, Andréa. Arte Relacional e Ensino de Arte: possibilidades e desafios. In: Com {Fluências}. Anais do VI Ciclo de investigações do PPGAV. Florianópolis: UDESC, 01 A 03 de junho de 2011, pp. 20-29.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins, 2009.
- BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.
- CARNEVSKIS, Cláudia. Debates sobre cultura no espaço escolar: desafios do professor de artes nas escolas públicas de educação básica. Revista Educação Artes e Inclusão. Florianópolis: UDESC, VOLUME 10, NÚMERO 2, ANO 2014, pp. 50-63.
- MÜLLER, Maristela; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. Entre linhas: a pesquisa na formação de professores em Artes Visuais e as aproximações com um jantar. DA Pesquisa, Florianópolis, v. 14, n. 22, p. 33-48, abr., 2019.
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf). Acesso em 05/11/2024.
- SOUSA, Francisco Herbert Rolim. Ensino de arte no campo de ação da estética relacional. AÇÁ: Artes da Cena. Vol. I. n. 1, ano 2018, pp. 33-45.